



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisbon • Telefone 5389 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

IDEAS MODERNAS

O Feminismo

Uma conversa interessante com a ilustre médica uruguaiana D. Paulina Luise

...os penitais, como sempre. As horas precisas davamos entrada na sala de visitas do Hotel de Inglaterra. A senhora sr.ª Paulina Luise esperava-nos a essa hora. Recebeu-nos amavelmente, sem amabilidades forçadas. Esboçou-se imediatamente uma conversa amena, como se já nos conhecessemos há muito tempo e uma longa e agradável de qualquer dos nós nos provoque a necessidade de trocar impressões, de comunicar as nossas ideias, de contar o que vimos e ouvimos.

A doutora Paulina Luise possui um conhecimento verdadeiramente moderno, não só das aspirações, desde que se encontram beleza e conduzem a humanidade para a perfeição.

Este movimento internacional, embebe de opiniões prepara um futuro novo, a interesse. Segue todas as ideias com atenção, examina a fundo, todas as questões. A nossa conversa foi logo de começo sobre as várias ideias socialistas. Falemos dos socialistas, de comunistas e de anarquistas. Dissemos-lhe quais eram as ideias sociais mais acentuadas em Portugal. Porém, o fim da nossa visita foi precisamente, embora nos fosse extremamente agradável, a troca de impressões acerca do movimento social na Europa, que D. Paulina Luise conhecia bem ou melhor do que nós. Deviamos apenas conhecer de perto as ideias acerca da causa feminista, de uma ilustre médica e acrílica defensora.

Ninguém melhor do que ela poder-nos informar preciosas acerca do movimento, porquanto, vindo à Europa para missão de propaganda, de volta à sua terra natal, Uruguai, trazendo os casos mais recentes e as aspirações mais modernas das mulheres de todo o mundo.

«Sufragettes» inglesas —
Contra o assombroamento
do trabalho pelos homens
A mulher deve entrar na
grande vida do trabalho

«Faltam então dos direitos que a mulher actualmente goza (tam poucos) que poderia gozar, caso estivesse bem em pé de igualdade perante o homem».

«Se a mulher disfrutasse já os mesmos direitos que o homem disfruta, considerá-la-ia emancipada?» — perguntou-me.

A nossa interlocutora sorriu, compreendendo a intenção da nossa pergunta.

«Não — disse ela. Mesmo que a mulher atingisse esse nível, seria necessária a humanidade inteira se emancipasse economicamente... Mas deixem-me dizer-lhe que, por agora, temos uma longa estrada a percorrer. Precisamos primeiramente libertar a mulher moralmente, o que só se conseguirá combatendo energeticamente o preconceito».

«E, para defesa da causa feminista, prova os meios violentos empregados pelas sufragistas inglesas?»

«Reprovo em Inglaterra, onde o movimento feminista é vasto, apenas um pequeno grupo, que se denominam as sufragettes, emprega esses meios revolucionários. Todos os centros feministas reprovam essa acção».

«Quais são, pois, os meios de propaganda que se devem empregar?» — perguntamos.

«Todos os meios de persuasão. Como a mulher deve tomar parte em todos os ramos de actividade, entendendo que se deve agrupar em associações, juntar-se aos partidos socialistas, aos centros anarquistas, enfim misceuir-se em todos os centros de ideias modernas que advogam a emancipação da mulher».

Concordámos plenamente com essa ideia, porquanto, como D. Paulina Luise acabava de dizer, é entre os homens de ideias avançadas que a emancipação feminina tem mais adeptos.

Interrompeu-nos, porém, o nosso arrazoado, dizendo num gracioso ar de admoestação:

«Os senhores, operários, tem de facto incluído a libertação da mulher no vosso programa, mas nem sempre na prática tem seguido esse ideal».

«Sim, por exemplo, que os operários de várias profissões opõem resistência à entrada da mulher no vosso meio».

«Concordamos onde deseja chegar — dissemos. E a concorrência de braços que a indústria...»

«Exactamente».

«Infelizmente — prosseguimos — os homens não se defendem apenas da mulher; defendem-se do próprio homem».

«Mas isso é o assombroamento do trabalho — exclamou a nossa entrevistada. Todos devem ter direito ao trabalho».

«Assim é, de facto — contestamos nós. E por esse motivo que reivindicamos o horário das oito horas, para que todos trabalhem. Entendemos que se devem diminuir as horas de trabalho à medida que o número de braços aumenta».

«Pois, é necessário que os operários não ponham entraves à entrada da mulher na grande vida do trabalho».

A GREVE

DOS

Trabalhadores dos jornais

A solidariedade da classe operária

A Associação dos Operários Manipuladores de Borracha Lisbonenses, em ofício que acaba de enviar à comissão executiva do movimento dos trabalhadores dos jornais, transmite as saudações da assembleia geral da classe pela firmeza dos grevistas, ao mesmo tempo que comunica igualmente o protesto da mesma assembleia contra o facto do governo manter os tipógrafos militares nos jornais das empresas, fazendo acompanhar esse ofício da quantia de 20\$000 a favor dos grevistas.

— O Sindicato Unico Metalúrgico do Porto, em ofício enviado à comissão executiva do movimento, assegura a sua solidariedade material aos grevistas, enviando juntamente, em vale do correio, a importância de 50\$000, primeira parte da solidariedade que está disposta a afirmar lhes.

— A Associação dos Operários Manipuladores do Pão do Porto, enviou também ao tesoureiro da comissão executiva, em vale de correio, a importância de 10\$000, com um ofício em que, desejando a breve vitória dos grevistas lamentando não poder contribuir nestemomento com quantia mais elevada.

— Um anuário da Imprensa de Lisboa correu com 1995, troco do pagamento dum anúncio, a favor dos grevistas.

— A comissão administrativa do Sindicato Unico Mobiliário de Lisboa comitadas as camaradas das oficinas cujas listas ainda não foram entregues no Sindicato a fazerem-no hoje, na respectiva sede, das 9 às 12 horas.

As Juventudes

Sindicalistas

Como noticiámos, uma comissão do Conselho Jurídico da C. G. T., com o secretário geral da Federação das Juventudes Sindicalistas, andava tratando junto do presidente do ministério de obter a que a perseguição acintosa e sistemática que contra as Juventudes Sindicalistas tem sido feita, por algumas autoridades da república, se cessasse exercendo. Ontem a mesma comissão avisou-se com aquela entidade, na sua residência, pela terceira vez, saindo com a promessa formal de que as Juventudes Sindicalistas não seriam coartados do direito de reunião. Vamos a ver se acontecer assim.

A atitude das autoridades, neste assunto, tem sido infelicíssima, pois inteiramente apreciada o caso, terão mais interesse em que as reuniões das Juventudes se efectuem publicamente e com a assistência da autoridade do que clandestinamente, como há uns meses a esta parte tem sucedido.

Museu Bordalo Pinheiro

Está hoje aberto ao público e domingos seguintes, das 10 às 12 horas, este interessante museu, no Campo Grande, 382 (lado oriental), revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

A doutrina do matriarcado

A próxima liberdade política e cívica da mulher

A «blague» da socialização das mulheres

«Como desejaria ver o casamento regulado» — interrogámos então.

«De uma forma absolutista, sem ser ainda o que nós desejamos, seja a mais adiantada de todo o mundo, porque a questão económica dos cônjuges foi vista com mais atenção».

Ora, como a família é um resultado do matrimónio, se o casamento é mau, em regra, a família ressentir-se. E como mostrásemos desejo de saber como quereria D. Paulina Luise ver a família organizada, ela elucidou-nos:

«A fórmula da família futura deve assentar na doutrina do matriarcado. A mãe deve ser considerada o chefe do lar. A colectividade devia sustentar e proteger todas as mulheres no período da maternidade. Eu desejaria ver todos os Estados o orçamento de guerra substituído pelo orçamento da maternidade! — exclamou, entusiasmadamente».

«E é possível que não estejamos longe de verificar o seu desejo posto em prática — fomos nós dizendo. Não acredita que esteja próxima a libertação da mulher?»

«Sim, creio que a emancipação política e civil está muito próxima; já a emancipação moral, que se baseia em inúmeros preconceitos, é mais difícil. E quanto à emancipação económica...»

«...ela virá com a emancipação de toda a classe trabalhadora! — exclamou por fim».

O jornalista é, quase sempre, um impertinente. Quando dávamos por finda a nossa entrevista e nos dispnhamos a abandonar o mapple confortável onde nos instaláramos em amena conversa, deixámos escapar, com um certo ar de indiferença, esta pergunta:

«Acredita na socialização das mulheres, na Rússia?»

E a doutora Paulina Luise, ao mesmo tempo que se despedia de nós, disse-nos, rindo:

«Há quanto tempo tudo isso se desmentiu!... A socialização das mulheres foi uma mentira que se espalhou para impedir o avanço dos ideais socialistas que vinham da Rússia...»

NOTAS & COMENTARIOS

A chama da pátria

Como os leitores muito bem sabem, existem em Portugal várias instituições que visam um único fim: arrancar ao povo o que lhe faz falta, isto é, o dinheiro e os géneros alimentícios. Essas instituições são, por exemplo, os ministérios e outras repartições dependentes ou independentes dos tais ministérios. Os assambarcadores, encarregados de nos sonegar o dinheiro e os géneros, Alfredo da Silva deve estar cheio de dinheiro e de azeite, muito azeite. Banhas também ele tem com fartura, provavelmente arrancadas ao povo, que cada vez está mais magro... Pois pretende-se agora formar uma nova instituição para consumir o azeite e o povo não tem. Intitula-se a nova instituição a **chama da pátria** e destina-se a manter sempre acesa, no mosteiro da Batalha, uma candeia de azeite para alumiar os dois desconhecidos. Entretanto falta o azeite para a panela dos pobres... Não seria muito melhor que em vez de azeite aproveitássemos as banhas do sr. Alfredo da Silva, que daria uma chama mais viva e mais durável, a verdadeira chama da pátria?

Uma herança

Eufrosina Maria gosta muito de objectos de ouro. Tão logo ela estremece de mal disfarçada comção ante as montanhas de ouro que se lhe oferecem quando a Lisboa, disfarçada em mãe dos soldados desconhecidos. Os grandes cordões, as meias-luzas para as orelhas, os anéis grossos e mactos entusiasmam-na, comovendo-a até às lágrimas. Quando, no cortejo, a vimos passar, a hora e a cabida, não era a morte dos filhos desconhecidos que a chocava. Ela tinha uma ideia fixa: possuir um cordão quilométrico, pesado, de ouro autêntico, para pendurar ao pescoço. Fora esse o sonho de toda a sua vida. Porém, a falta de dinheiro nunca lhe permitira realizá-lo. As manifestações, os objectos de mão que o sr. presidente da República lhe dera, tudo o que viria a ouvir, não conseguia matar-lhe a ideia, mas, com o coração escondido, há dias, porém, a Junta Patriótica do Norte e uma comissão de gentilíssimas senhoras letradas entregaram-lhe, não como pagar, mas como lembrança das lágrimas que ela chorava durante o tempo que representava de mais desespero, a bonita quantia de 18\$000. Foi indizível a alegria que Eufrosina sentiu. Calou-se muito bem caladinha e, mal chegou à terra, a despeito de não haver em casa muito dinheiro para gastar, correu a um ourives e comprou um pesado cordão, igualzinho àquele que em Lisboa tanta cubia lhe despertara. E ela, mãe, respondeu:

«Nenhuma recordação tenho de meu filho; este cordão passa a ser a herança que dele obtive».

Os crimes da república

Porque nós dissemos que a república está cheia de crimes e, como exemplo, apontámos o facto dos tribunais dessa mesma república terem condenado como vadio um homem que trabalhava, a **Tribuna**, do Porto, que tem defendido esses republicanos que preferiam, apressou-se a querer fazer graça, que mal-disfarça um rancoroso de menina amada. Como quem não quer a coisa, chama-nos de legalistas e injustos — só porque dissemos a verdade. E pergunta-nos por fim se nós estamos de acordo com ela. Claro que não estamos. Como poderíamos não concordar com quem contesta a verdade? Como podíamos não concordar com quem chama vadio a um trabalhador?

«No entanto — para prestígio e glória do partido republicano português — a **Tribuna** amiga reconhece que alguns dos que servem a república têm cometido crimes, que a república está cheia de crimes. Neste ponto estamos de acordo com a **Tribuna** amiga, a **Tribuna** admiradora e propagandista da **agência Rosta**. E' sinal, pois, de que não somos tam desleais como nos chamam».

Não está agora de acordo conosco a **Tribuna**?

Cadelas

Muitos depoimentos tem chegado ultimamente a esta redacção a respeito do funcionamento das cadeias. Queixas de presos, revoltados contra as condições que nos cárceres da República se praticam. A questão é de uma importância excepcional e de bom grado comeciaríamos já a occupar-nos dela. Simplesmente, a exigência deste jornal não nos permite tratar ao mesmo tempo de muitos assuntos. Prometemos contudo occupar-nos da questão, com todo o interesse que ela nos merece, tam depressa o esp go nojo permitia.

Partido Nacional Africano

Ao Partido Nacional Africano aderiram mais os seguintes indígenas: Januário Carneiro, agricultor; João Xavier de Brito e Alberto Fernandes Ribeiro, membros da Liga Africana de Lisboa; dr. José de Oliveira, médico; Raul José Manuel, chauffeur; António Gonçalves da Mota, António Fernandes, António José Gonçalves, Tomás Serafim, Pedro da Silva, António dos Candelas Siqueira e Luís da Costa.

Reúnem-se com a presença do delegado dos organismos africanos franceses, Louis Stannias e a Junta Central do Partido Nacional Africano para torcer impressões acerca do próximo congresso internacional dos negros a realizar-se na cidade de Paris, sob a presidência do deputado Diagne.

NO PORTO

Explosão de três bombas

«Filiar-se há o caso num protesto contra os atentados ao regime das 8 horas?»

PORTO, 22. — C. — Ontem, das 23 para as 24 horas, a cidade foi alarmada com três fortes detonações, que logo se supôs tratar-se de petardos.

Como de costume, bordaram-se as mais extravagantes fantasias, falando-se em revoluções bolchevistas ou em conspirações de monarquistas, que dum modo tam ingrato assim agradeciam a gentileza da amnistia concedida.

Os petardos explodiram: na porta da oficina dum marmorista, situada na avenida Rodrigues de Freitas, próximo ao cemitério do Prado; numas obras de construção, na Rua de Santa Catarina; e num escritório de estuador e depósito de drogas, na rua Sá Noronha. Estragos materiais e um indivíduo morto, que acidentalmente passava no local da primeira explosão.

Verificados os sitios onde rebentaram os petardos e apurados os estabelecimentos alvejados, de que na natureza eram e a quem pertenciam, tirou-se a conclusão de que se tratava de **crimes sociais**, tanto mais que, afixados na fronteira dos três predios dinamitados, appareceram manifestos iguais, em que se lia:

Vivam as 8 horas! Abaixo os que as atiraram!

Por esta vez vai assim e se continuarem de outra maneira vamos fazer o que entendermos.

O 5.º grupo de execução

Parece, pois, que estamos nos tempos da Revolução Francesa, em que os revolucionários enchiam as esquinas e as arvores de inscrições e anatemas, condenando à morte os nobres, os reis e os assambarcadores! Coisa que depois cumpriram. Ora na véspera da chegada dos três da vida airda, digos dos generais estrangeiros, rebentou uma bomba para os lados da rua de Passos Manuel, apparecendo também, ao que affirmaram, um prospecto igual ao acima transcrito. Como era preciso, porém, não alarmar as gentes, afim do brilho da recepção não se empanou, as autoridades pediram à imprensa para não dar nota da ocorrência, gentileza que também cumpri, obsequiosamente, na da denunciando. «Tratar-se-á, portanto, dum caso rocambolesco! Há quem asseverar que os operários da oficina e das obras saíram à hora habitual; outros affirmam que, de facto, ontem de tarde se deu uma forte discussão entre patrão e escravos, a propósito do horário. O que é fora de dúvida é que os srs. industriais, a tróço de qualquer vintem ou de simples promessas, estão a revogar na prática o que o parlamento aprovou no papel. Há fábricas que trabalham 10 e 11 horas por dia, umas remunerando-se, contra o expresso na lei, pelo preço das horas ordinárias, e outras com mais uma insignificante diferença. Pensa-se em atirar a terra as oito horas, mesmo nestes tempos de crise, e assim succederá por completo se o operariado não reagir, não digo pelo processo das bombas, mas no terreno legal, no qual as autoridades o auxiliaram, como sempre, apesar delas, atareladas com outros assuntos de grande tom, não ligarem importância aos desrespeitos das leis republicanas».

O caso dos Bairros Sociais

Realiza-se hoje, pelas 16 horas, na Quinta da Cruz, ao Alto do Pina, um comício de propaganda socialista, no qual se tratará do caso dos Bairros Sociais, devendo usar da palavra os srs. dr. Ramada Curto, Augusto Dias da Silva, Fernando Carneiro Araújo, Mário Silva e Artur Rodrigues Consolarin.

UM COMÍCIO

Realiza-se hoje, pelas 16 horas, na Quinta da Cruz, ao Alto do Pina, um comício de propaganda socialista, no qual se tratará do caso dos Bairros Sociais, devendo usar da palavra os srs. dr. Ramada Curto, Augusto Dias da Silva, Fernando Carneiro Araújo, Mário Silva e Artur Rodrigues Consolarin.

A POLONIA

A Batalha vai continuar a publicação da série de entrevistas com o dr. sr. Magalhães Lima. Serve de tema a que amanhã publicaremos **A Polónia**, que decerto interessará os nossos leitores, principalmente os que leram as anteriores entrevistas que versaram sobre a Austria e a Tchecoslováquia.

EM MADRID

CONGRESSO EXTRAORDINARIO

DO

Partido Socialista Obreiro Espanhol

As impressões que Anguiano colheu na Rússia

Alimentação e salários

Estabeleceram-se quatro cartas de rações alimentares. A mais importante corresponde aos professores universitários, seguindo-se depois os mestre-escolas, os operários qualificados, e em último lugar, os trabalhadores serventes.

A paga dos universitários chega a 20.000 rublos mensais. Como razão alimentar dá-se-lhes em cada mês 35 libras de farinha, 18 de cereais, 20 de carne, duas e meia de açúcar, três de manteiga, libra e meia de sal, um quarto de libra de café e 750 cigarros.

São inferiores em quantidade as rações que se entregam às três restantes categorias de trabalhadores. A escala de salários está em relação com a utilidade que o trabalho de cada indivíduo traz para o Estado.

Numa fábrica de caramelos que visitámos havia três categorias de salários: os homens ganhavam 3.200 rublos; as mulheres 2.100.

A jornada de trabalho costuma ser normalmente de oito horas, mas é ampliada quando o governo ordena. Há quem pegue no trabalho às dez da manhã para só o largar às duas da madrugada.

No hotel onde nos hospedámos havia três espécies de alimentação: a primeira, abundante e de boa qualidade, para os delegados estrangeiros; outra para os empregados; e uma terceira para os operários muito dos quais recebiam apenas, nalguns dias, um pedaço de pão negro e uma sopa sem gordura, do restaurante comunista.

A produção decresce

Todas estas circunstâncias influem dum modo decisivo na diminuição da capacidade de trabalho, que se reflecte no enorme decréscimo da produção.

A população operária da Rússia era eminentemente agrícola, numa proporção que chegava a atingir 85 por cento. Na industria occupavam-se 1.700.000 operários, mas este número desceu a 700.000, que tantos são, aproximadamente, os que realizam trabalhos industriais.

As más condições de vida nas cidades fomentam a emigração dos operários para o campo, onde se dispõe do indispensável a vida.

Os camponeses não foram um obstáculo político para o regime, porque se respeitou a propriedade privada para aqueles que cultivam as suas terras.

Sem embargo, como o agricultor tem que entregar ao Estado os produtos de que não necessita para o consumo da sua casa, a área cultivada ficou reduzida em 20 por cento, e o rendimento da terra sofreu uma quebra equivalente.

Estes factos explicam a circunstância de não terem os cidadãos mais de 23 por cento do que lhes era necessário.

Por outro lado, as colheitas accresceram, como por exemplo a de batatas, que no ano passado subiu a seis milhões e duas (um pud é igual a 16,365 kg) ficaram perdidas, por falta de instalações onde arrecadá-las devidamente.

PELO SUL E SUESTE

Entusiásticas manifestações

Imponente recepção em Beja

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 23. — C. — Tem sido uma verdadeira apoteose a viagem ao sul que está sendo realizada pelos delegados ferroviários e representantes da C. G. T., **Batalha** e **Imprensa de Lisboa**, arsenistas do exército e marinha. O público deve ter seguido com atenção as péripécias dessa viagem, tam semeada de palmas, vivas e delirante entusiasmo.

A chegada a Beja, pelas 14,40, seria uma verdadeira surpresa, se nas estações anteriores manifestações idénticas não se tivessem já produzido. A gare encontrava-se repleta de povo e de ferroviários bejenses. Mal os delegados surgem, ecoam as palmas, os vivas à C. G. T., **Batalha** e aos libertados. Há abraços efusivos, lágrimas de alegria.

A banda Capricho entoou o hino **Primeiro de Maio**, e a passagem do imponente cortejo, que se encaminhava para a sede da Delegação, caem muitas flores, lançadas por donzelas daquela terra.

A Delegação difficilmente comportava o povo que accorreu à festiva recepção. O secretário geral do União dos Sindicatos Operários de Beja proferiu palavras de boas vindas. Em seguida foi oferecido aos delegados um delicado copo de água, que deu origem a entusiásticos brindes, retribuídos pelos delegados e pelo representante da Confederação Geral do Trabalho.

Um momento interessante: Os presos de Aldeia Nova de S. Bento, Serpa e Beja foram postos em liberdade, momentos antes da chegada dos delegados, tendo sido efusivamente saudados.

— O R.

A sessão solene no Montepio Bejense

BEJA, 23. — C. — A sessão solene no salão do Montepio Bejense incluiu-se pelas dezoito horas. A concorrência era enorme, preponderando o elemento feminino.

3

A caminho do comércio livre

Vai-se dando fé destes gravíssimos erros e já se procura emendá-los. Neste sentido, estabeleceu-se nos últimos dias do mês passado o imposto chamado «natural» que fixa a percentagem das colheitas que os camponeses tem de entregar ao Estado, deixando a estes uma larga margem para entregarem os seus produtos ao comércio livre.

Para harmonizar esta imposição das circunstâncias com as aspirações comunistas, Lênine preocupava-se com o estudo de fórmulas marxistas capazes de resolver o problema.

Impressão final

As restrições de liberdade que se verificam na Rússia, e o regime de preponderância policíaca que affixa os cidadãos, completam a ideia de que se vive num presídio. Foi esta a afirmação do companheiro Anguiano, que conhece, por experiência própria o regime prisional.

Cento e vinte milhões de habitantes da Rússia estão governados pelo Partido Comunista, que tem aproximadamente 600.000 filiados.

O depoimento de Anguiano

Uma confirmação

A informação do companheiro De los Rios — começa **Anguiano** — consistiu simplesmente no relato dos factos. En seguiu também essa norma de conduta. Tenho a dizer em primeiro lugar que os meus informes correspondem em absoluto à verdade. A interpretação e a explicação destes acontecimentos depende da maneira como cada um aprecia a Revolução russa, as dificuldades de o bi-queiro internacional causou à Rússia, e a hostilidade sistemática com que a República soviética é tratada por parte dos governos capitalistas.

Tenho já que fazer uma declaração: é que não posso ingressar no Partido Comunista, embora me não colloque contra elle, em virtude das rigorosas regras com que se restringe a liberdade de pensamento.

Pude ver que a restrição de liberdade atinge aqueles que, pelo seu estado de consciência, são considerados afeitos à ideologia burguesa.

Mas há outros elementos, cujas opiniões, embora discordantes das dos comunistas, serviriam para aperfeiçoar a revolução russa, se fossem escutadas.

Não me surpreenderia que fosse mais reduzido o número de periódicos, quando, a pesar de tanta vigilância, puderam circular periódicos clandestinos editados em Inglaterra. Para conservar a Revolução russa não me parece mal essa falta de liberdade.

Examinar o caso de Krapotkine, que dizia não ser azada a ocasião para criar a revolução, pois se devia apoiar os que admiram o espirito de sacrificio dos que lutam por mantê-la.

(Continua)

PELO SUL E SUESTE

Entusiásticas manifestações

Imponente recepção em Beja

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 23. — C. — Tem sido uma verdadeira apoteose a viagem ao sul que está sendo realizada pelos delegados ferroviários e representantes da C. G. T., **Batalha** e **Imprensa de Lisboa**, arsenistas do exército e marinha. O público deve ter seguido com atenção as péripécias dessa viagem, tam semeada de palmas, vivas e delirante entusiasmo.

A chegada a Beja, pelas 14,40, seria uma verdadeira surpresa, se nas estações anteriores manifestações idénticas não se tivessem já produzido. A gare encontrava-se repleta de povo e de ferroviários bejenses. Mal os delegados surgem, ecoam as palmas, os vivas à C. G. T., **Batalha** e aos libertados. Há abraços efusivos, lágrimas de alegria.

A banda Capricho entoou o hino **Primeiro de Maio**, e a passagem do imponente cortejo, que se encaminhava para a sede da Delegação, caem muitas flores, lançadas por donzelas daquela terra.

A Delegação difficilmente comportava o povo que accorreu à festiva recepção. O secretário geral do União dos Sindicatos Operários de Beja proferiu palavras de boas vindas. Em seguida foi oferecido aos delegados um delicado copo de água, que deu origem a entusiásticos brindes, retribuídos pelos delegados e pelo representante da Confederação Geral do Trabalho.

Um momento interessante: Os presos de Aldeia Nova de S. Bento, Serpa e Beja foram postos em liberdade, momentos antes da chegada dos delegados, tendo sido efusivamente saudados.

— O R.

A sessão solene no Montepio Bejense

BEJA, 23. — C. — A sessão solene no salão do Montepio Bejense incluiu-se pelas dezoito horas. A concorrência era enorme, preponderando o elemento feminino.

PELO SUL E SUESTE

Entusiásticas manifestações

Imponente recepção em Beja

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 23. — C. — Tem sido uma verdadeira apoteose a viagem ao sul que está sendo realizada pelos delegados ferroviários e representantes da C. G. T., **Batalha** e **Imprensa de Lisboa**, arsenistas do exército e marinha. O público deve ter seguido com atenção as péripécias dessa viagem, tam semeada de palmas, vivas e delirante entusiasmo.

A chegada a Beja, pelas 14,40, seria uma verdadeira surpresa, se nas estações anteriores manifestações idénticas não se tivessem já produzido. A gare encontrava-se repleta de povo e de ferroviários bejenses. Mal os delegados surgem, ecoam as palmas, os vivas à C. G. T., **Batalha** e aos libertados. Há abraços efusivos, lágrimas de alegria.

A banda Capricho entoou o hino **Primeiro de Maio**, e a passagem do imponente cortejo, que se encaminhava para a sede da Delegação, caem muitas flores, lançadas por donzelas daquela terra.

A Delegação difficilmente comportava o povo que accorreu à festiva recepção. O secretário geral do União dos Sindicatos Operários de Beja proferiu palavras de boas vindas. Em seguida foi oferecido aos delegados um delicado copo de água, que deu origem a entusiásticos brindes, retribuídos pelos delegados e pelo representante da Confederação Geral do Trabalho.

Um momento interessante: Os presos de Aldeia Nova de S. Bento, Serpa e Beja foram postos em liberdade, momentos antes da chegada dos delegados, tendo sido efusivamente saudados.

— O R.

A sessão solene no Montepio Bejense

BEJA, 23. — C. — A sessão solene no salão do Montepio Bejense incluiu-se pelas dezoito horas. A concorrência era enorme, preponderando o elemento feminino.

PELO SUL E SUESTE

Entusiásticas manifestações

Imponente recepção em Beja

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 23. — C. — Tem sido uma verdadeira apoteose a viagem ao sul que está sendo realizada pelos delegados ferroviários e representantes da C. G. T., **Batalha** e **Imprensa de Lisboa**, arsenistas do exército e marinha. O público deve ter seguido com atenção as péripécias dessa viagem, tam semeada de palmas, vivas e delirante entusiasmo.

A chegada a Beja, pelas 14,40, seria uma verdadeira surpresa, se nas estações anteriores manifestações idénticas não se tivessem já produzido. A gare encontrava-se repleta de povo e de ferroviários bejenses. Mal os delegados surgem, ecoam as palmas, os vivas à C. G. T., **Batalha** e aos libertados. Há abraços efusivos, lágrimas de alegria.

A banda Capricho entoou o hino **Primeiro de Maio**, e a passagem do imponente cortejo, que se encaminhava para a sede da Delegação, caem muitas flores, lançadas por donzelas daquela terra.

A Delegação difficilmente comportava o povo que accorreu à festiva recepção. O secretário geral do União dos Sindicatos Operários de Beja proferiu palavras de boas vindas. Em seguida foi oferecido aos delegados um delicado copo de água, que deu origem a entusiásticos brindes, retribuídos pelos delegados e pelo representante da Confederação Geral do Trabalho.

Um momento interessante: Os presos de Aldeia Nova de S. Bento, Serpa e Beja foram postos em liberdade, momentos antes da chegada dos delegados, tendo sido efusivamente saudados.

— O R.

A sessão solene no Montepio Bejense

BEJA, 23. — C. — A sessão solene no salão do Montepio Bejense incluiu-se pelas dezoito horas. A concorrência era enorme, preponderando o elemento feminino.

PELO SUL E SUESTE

Entusiásticas manifestações

Imponente recepção em Beja

